

CONSIDERAÇÕES DOUTRINÁRIAS

Os artigos que se seguem são fruto, principalmente, de compilação de notas de aula e de documentos que recebi na ESG — PARIS — FRANÇA.

Embora, apresentem conceitos discutíveis, pareceram-me interessantes, em particular para os jovens oficiais de Estado-Maior.

Gen Bda JOSÉ CAMPOS DE ARAGÃO

I

GENERALIDADES SÔBRE A MANOBRA ESTRATÉGICA OPERACIONAL

1. A UNIDADE DA GUERRA

Em nossos dias, a *Guerra* deixou de ser tão-somente um fenômeno militar. O derradeiro conflito mostrou e a luta no Vietnam confirma que ela é, no presente, um choque integral de todas as fôrças de uma Nação, coordenadas em busca de uma finalidade única: a Vitória.

Tornou-se clássico dizer-se que o *Objetivo de Guerra* é, fundamentalmente, obrigar o adversário a modificar suas intenções, agressivas ou de resistência, e a vitória final é obtida quando ele é submetido às condições que lhe ditamos.

Tal resultado pode ser obtido por dois processos:

a) Tirando do inimigo a *vontade* ou mesmo o desejo de continuar fiel às suas decisões; e, isto é da alcada da *Guerra Psicológica e Política*;

b) Tirando do inimigo a *possibilidade* de permanecer fiel aos seus propósitos; isto é, fazendo-lhe a *Guerra Econômica e Militar*.

Os primeiro desses processos visa à conquista do moral ou o estabelecimento da desordem entre as populações e os soldados do adversário, a fim de que, se possível, não se chegue ao choque armado. Ele visa ainda ao *moral das suas elites*, bem como ao descrédito ou, mesmo, à derrocada da autoridade governamental, a fim de que suas populações, seus soldados e suas elites desmoralizadas deixem de se integrar dentro de um sistema coerente de Defesa Nacional. Tal processo pode, enfim, visar a impedir, desfazer ou mesmo enfraquecer as alianças do partido adversário, e, assim, atingir a *finalidade da Guerra*, sobretudo quando é completado pela ameaça de fôrças armadas potentes.

A história do mundo prova, em todos os setores, que a *Guerra Psicológica* é, ao serviço da Política Externa, o *processo mais eficaz e mais econômico*, podendo ser aplicado em tempo de paz ou de guerra.

O segundo processo — *A Guerra Econômica e Militar* — visa a quebrar, pela fôrça, o potencial material do inimigo, no sentido de 'torná-lo

incapaz de defender-se". Ela é, sobretudo, da alçada das Fôrças Armadas e das Fôrças Irregulares, também. Os últimos conflitos mostraram que éste é um processo extremamente caro, capaz de esgotar aquêle que utiliza quase que na mesma proporção do adversário, porque produzirá o inevitável choque com as fôrças armadas antagônicas.

Assim, hoje em dia, se procura, de tôda sorte, reduzir o seu preço, evitando-se lançar o forte contra o forte, de tal modo que se diminua a vontade e a capacidade de combater do Comando e das tropas adversas, antes mesmo de choque armado.

Em nossos dias o que vemos é a *Guerra Militar e Econômica associada à Guerra Psicológica e Política*.

Os últimos conflitos, pois, firmaram o conceito da Guerra Total. É conveniente chamá-la assim, já que a seu serviço os beligerantes empregam, sem distinção, todos os meios de ação que dispõem, tornando-se perigoso o estudo isolado da Guerra Militar, da Política, da Psicológica e da Econômica. A Guerra moderna aparece não só com o caráter de Guerra Total, mas ainda com o de uma Guerra Total Integral, significando isto uma guerra em que todos os aspectos da luta se combinam e interpenetram e os atos militares são constantemente influenciados por outros atos diversos particularmente os atos políticos.

2. ESTRATÉGIA

A Estratégia Geral trata da *Conduta Geral da Guerra*, isto é, precisamente do emprêgo combinado de todos os meios de ação, a fim de atingir o objetivo da guerra. Esta Estratégia Geral é da competência da Alta Direção do Estado, ou dos Estados coligados.

Comporta:

— *Verticalmente*, estágios segundo a amplidão da sua zona de ação. A estratégia de uma coligação se distingue, por exemplo, da Estratégia Nacional de cada um dos países coligados.

— *Horizontalmente*, segundo os ramos de atividade onde ela se exerce.

Assim é que se pode falar de Estratégia Militar, de Estratégia Política e de Estratégia Econômica.

A Estratégia Militar trata do emprêgo combinado dos meios militares na conduta geral da Guerra. Compreende, no escalão mais elevado, a Estratégia Terrestre, a Estratégia Aérea e a Estratégia Marítima, conforme o elemento que toma para centro de gravidade de suas cogitações e da natureza das fôrças que considera principais.

A Estratégia Militar Geral reparte os espaços, implicados na guerra, em Teatros (Teatros de Guerra e Teatros de Operações), organiza o Comando, fixa a atitude a adotar em cada um dêles, assim como distribui as fôrças existentes entre uns e outros.

Um Teatro de Guerra poderá comportar um ou mais Teatros de Operações.

A Estratégia Militar Geral no Brasil é do domínio do Chefe do Governo assessorado pelo Chefe do EMFA.

3. ESTRATÉGIA OPERACIONAL

a) Elementarmente pode-se dizer que, à Estratégia Operacional, que é da alçada dos Cmt de TG ou TO, é "a arte de bem preparar e conduzir a batalha decisiva". (1)

b) A Estratégia dispõe de Meios e de Processos que emprega dentro de um Quadro ditado pela Política de Guerra. Três são os fatores fundamentais que condicionam a Estratégia Operacional:

- a relação das fôrças em presença;
- o espaço;
- o tempo;

A relação das fôrças em presença deve sempre ser convenientemente considerada, pois, em igualdade de condições, só a superioridade numérica, em homens, material e moral, pode criar o desequilíbrio, uma vez admitindo-se que os dois antagonistas são conhcedores das possibilidades estratégicas em tôda plenitude.

O espaço, em função dos meios, condiciona o campo de batalha.

O tempo restringe, em certos casos e amplia em outros, as possibilidades estratégicas; por isso, sua consideração é fundamental no preparo e na conduta da batalha.

c) Os meios a empregar na Estratégia Operacional são, essencialmente, os Órgãos de Comando e as Grandes Unidades de diversos tipos (das três fôrças armadas) existentes no tempo de paz e oriundos da mobilização ou oportunamente organizadas, de acordo com as circunstâncias. Compreendem, além disso, os múltiplos elementos de reserva geral, dos serviços e infra-estrutura operacional e logística.

d) Os processos da Estratégia Operacional abrangem:

- A articulação do Comando e a repartição das fôrças em diversas massas autônomas, convenientemente dosadas, de acordo com as exigências do TO.
- As atitudes ofensivas ou defensivas que serão impostas a cada uma das massas.
- A escolha do ponto de aplicação das massas, direções, ritmo e envergadura da ação imposta.
- A dosagem que se deve adotar na repartição das massas autônomas (TO — Grupos de Ex — e dos elementos a manter em reserva).
- Enfim, liberdade de ação para fazer evoluir a articulação, as atitudes, o ponto de aplicação, as direções, o ritmo, a envergadura da ação e a dosagem.

(1) Na antiguidade, Sun Tsu já afirmava: "estrategista é aquêle que se põe a salvo da derrota e espera a ocasião para derrotar o inimigo".

e) Quanto ao quadro onde age a Estratégia Operacional, é constituído pelo terreno, condições meteorológicas do momento, atitude psicológica das populações existentes no Teatro considerado e, sobretudo, pelas imposições estabelecidas pela Direção Suprema da Guerra, em face das situações política e econômica do Estado.

f) Para cumprir sua finalidade, a Estratégia Operacional monta uma manobra Estratégica, que deve ser uma criação especialmente concebida para a solução inteligente do problema impôsto. Inteligente porque certamente o adversário vai também conceber uma Manobra Estratégica visando a anular os nossos propósitos. "Se a guerra é uma luta entre duas vontades é ela também uma luta entre duas inteligências". Esta manobra — realização do Comando em Chefe do Teatro de Operações — para ser executada tendo em vista o adversário, dentro de um espaço a três dimensões que define o Teatro e num tempo que vai da abertura das hostilidades até o desfecho final, é da inteira responsabilidade do Comandante-Chefe do Teatro de Operações.

Para o Almirante Castex: "a Manobra é uma obra, por excelência, de criação. Deve modificar ou determinar o curso dos acontecimentos, dominar o destino, em vez de se deixar levar por ele, engendrar e fazer nascer o fato".

Na elaboração de toda manobra, inicialmente, o Comandante deve fixar qual a finalidade da operação que vai empreender, retirando esta finalidade da Missão que lhe foi confiada.

Uma vez concebida a Manobra ela é então caracterizada num Plano de Operações ou de Campanha. Aqui se torna interessante fazer ressaltar uma observação do Gen Eisenhower: "há uma grande diferença entre um Plano de Operações estabelecido e os resultados que se podem esperar das operações. As tropas lançadas ao combate devem atingir certos Objetivos Mínimos, já que se deseja que a ação não resulte num fracasso. Além destes mínimos há a zona das esperanças razoáveis e mais além ainda o reino das Grandes Esperanças, quando tudo corre às mil maravilhas. Um plano de batalha prevê, normalmente, as bases que conduzem a este reino das grandes esperanças, de sorte que as tropas, imbuídas da idéia do seu Chefe, não deixem escapar qualquer ocasião para explorar toda oportunidade favorável".

g) Retornando à definição de Estratégia Operacional, podemos dizer que ela trata da conduta geral das operações dentro do quadro de um Teatro, sendo, pois, a *arte* e a *ciência* do Comandante-Chefe do Teatro e dos grandes executantes das suas decisões operacionais.

Embora haja uma:

- estratégia aeroterrestre do Teatro;
- estratégia aérea do Teatro;
- estratégia aeromarítima do Teatro;
- estratégia do corpo de batalha do Teatro;
- estratégia da defesa do interior.

A Estratégia Operacional deve ser uma integração de tôdas elas. A ação das três forças armadas deve, pois, concorrer para *um só objetivo* dentro de uma manobra de conjunto, já que a guerra é um *problema único*.

h) A Tática, a Logística e a Técnica condicionam as possibilidades da Estratégia Operacional. Outros fatores também a subordinam; como por exemplo, a Organização e a Mobilização das Fôrças Armadas; a Política; a Demografia e a Economia Nacional.

i) A Ofensiva constitui o *fundamento* da Estratégia Operacional. Tratando-se de *lei capital*, ela torna-se o próprio *Espírito da Guerra*, pois, em qualquer momento, mesmo na fase defensiva, o que se visa é, em última instância, opor-se, dominar e, finalmente, fazer ceder a vontade do adversário.

j) A Estratégia Operacional define as condições dentro das quais as Fôrças Armadas devem ser utilizadas para quebrar a vontade do inimigo, sendo a ocupação do território adverso o meio mais seguro para fazê-lo. Assim, levar as massas ao território adversário é um recurso seguro para se impor uma Política. Ocupar, ou ao menos controlar estreitamente suas principais bases é o meio de fazer respeitadas as nossas ordens. Destroçar os exércitos inimigos é a condição número um para a ocupação do seu território. Para isso, torna-se necessário poder deslocar livremente nossas fôrças; como os acessos ao território inimigo são guardados e interditados por suas fôrças militares, impõe-se que estas sejam postas, prèviamente, *fora de combate*, isto é, que sejam destruídas, neutralizadas ou capturadas.

l) Assim, dois fatores são ponderáveis no âmbito da Estratégia Operacional, o *Movimento* e a *Fôrça*. *Movimento* para se ir ao território adversário, *Fôrça* para destruí-lo ou capturá-lo. Da conjugação dos dois fatores antecedentes decorre a Ofensiva, pois ela encerra a vontade de empregar o *movimento* e a *fôrça*, isto é, de avançar e bater o inimigo. Nenhuma exigência é mais imperativa à Estratégia Operacional do que aquela de tomar a iniciativa das operações. É uma noção fundamental que devemos cultivar, pois enquanto esta exigência não é satisfeita, a Estratégia Operacional não pode viver, senão perigosamente de expedientes provisórios.

m) O *movimento* é não sómente uma das *leis fundamentais da guerra*, como também o modo de ação principal da Estratégia Operacional. Conduzir as operações é, essencialmente, *movimentar massas de uma maneira judiciosa*. Na definição de Gneisenau, a Estratégia Operacional é arte de bem utilizar o *tempo* e o *espaço*.

Quando a Estratégia Operacional não dispõe *mais nem de espaço nem de tempo*, isto é, quando o inimigo, em fôrça, se coloca face às nossas massas e interdita sua progressão, a Estratégia torna-se inoperante. É à Tática, com os meios que lhe são próprios, que compete fazer desembocar novamente a Estratégia. A Tática conquista o Espaço que a Estratégia exige para agir; consequentemente, nesta fase trata-se de

conduzir combates, que no conjunto formam a batalha. Vemos, assim, que a Estratégia Operacional tem necessidades da Tática, à qual compete abrir os espaços.

n) A Fôrça, na acepção que nos interessa — fogo e choque — é o elemento principal de intervenção da Tática. O domínio da Tática é a batalha ou o combate (ação de fôrça destinada a desbaratar a barragem das fôrças adversas e destruí-las ou capturá-las, a fim de permitir a Estratégia Operacional de retornar o movimento das massas que ela conduz).

Para a conduta da batalha a Estratégia Operacional deve proporcionar à Tática os meios que assegurem a esta vencer as resistências opostas. Assim, da mesma maneira que a Estratégia Operacional reclama para agir a disponibilidade de tempo e espaço, a tática requer para alcançar o seu fim a superioridade sobre o inimigo. Diz Clausewitz: "A regra é concentrar nossa fôrça sobre o elemento contra o qual vai ser desencadeado o golpe principal, mesmo ficando sujeito a desvantagens em outras partes, de modo que as probabilidades de sucesso aumentem no ponto decisivo; isso compensará tôdas as outras desvantagens (Princípio da Economia de Fôrças).

Duas observações aqui se impõem:

- a primeira é que, para ser mais forte, a solução mais simples é aplicar os meios onde o inimigo é fraco. Se esta solução não é possível, torna-se necessário reunir fôrças superiores às do adversário num ponto escolhido. Num e noutro caso, importa em recorrer-se, prèviamente, ao movimento, isto é, à Estratégia Operacional;
- a segunda, é que a obra de destruição do inimigo pela batalha pode não ser total, tornando-se, obrigatoriamente, necessário realizar outras batalhas, tendo sempre em vista que em cada uma persistirá a necessidade de se dispor de superioridade, isto é, de movimentar fôrças, em consequência, recorrer-se novamente à Estratégia Operacional.

De tudo isso somos levados a constatar que se a Estratégia Operacional tem necessidade da Tática; a Tática, semelhantemente, tem necessidade da Estratégia Operacional.

o) O que acabamos de dizer nos conduz a duas conclusões:

(1) *Em primeiro lugar, o tempo, o espaço e a relação de Fôrças em presença, são as três dimensões da Estratégia Operacional.* Devem orientar tôdas as decisões e regular o funcionamento do seu mecanismo, uma vez que tais elementos, em grande parte, condicionam a Estratégia Operacional em todos os seus atos: o desejável, o necessário e o possível.

(2) Em segundo lugar, a Estratégia Operacional e a Tática, são complementares e indissoluvelmente ligadas, como são complementares

e indissolúveis os laços entre o emprêgo do movimento e o da força, de tal sorte que se luta pela liberdade de movimento, tôda vez que o acesso ao território adversário está barrado por suas fôrças.

p) Enfim, é tempo de observar que *as fôrças do inimigo são acionadas a serviço de uma missão semelhante e contrário à nossa.*

Em conseqüência, elas procuram tomar a iniciativa das operações visando a nos impor sua vontade. Tudo farão para pôr fora de combate nossas fôrças e ocupar nosso território.

É, pois, a guerra, em última análise, “*uma luta entre duas vontades*”, ou melhor, como asseverou Clausewitz, “a guerra consiste numa ação e numa reação continuadas”. A destruição das fôrças do adversário e a conservação das nossas representam dois resultados que são sempre procurados simultaneamente.

q) Tôda a Estratégia Operacional é, assim, dominada por *quatro necessidades fundamentais*, que decorrem diretamente das observações precedentes:

(1) Dispor de espaços livres, e por conseqüência: *abrir tais espaços à fôrça, já que o adversário os interditará;*

(2) Interditar espaços livres ao inimigo e dispor de maiores espaços livres do que êle;

(3) Preceder sempre o adversário ou, no mínimo, atraí-lo para os espaços desejados;

(4) Desgastar ao máximo o inimigo levando-o ao empenho total de suas fôrças; reunir fôrças superiores com o propósito de tirar todo o partido possível desta superioridade, quando se procurar a decisão.

A Tática ditará os meios de abrir ou fechar os espaços livres à Estratégia, enquanto que a Estratégia lhe atribuirá os meios que ela exige para cumprir eficazmente sua finalidade.

r) O resultado final de uma campanha é o único que importa: a sucessão de golpes e de movimentos são os fatos que caracterizam uma campanha. O sucesso pode, no entanto, periodicamente, mudar de campo, com a iniciativa das operações. A Estratégia Operacional deve isto compreender e capacitar-se para, por meio de golpes e movimentos decisivos, conseguir o resultado final da guerra.

Todos os atos devem contribuir para apressar o resultado final da campanha, o único que importa, porque sómente êle tem verdadeira significação. Podemos, pois, dizer, de forma simples, que a estratégia Operacional é a arte e a ciência de conduzir uma campanha a um resultado favorável.

A Estratégia Operacional deve visar a campanha no seu conjunto, isto é, dentro dos limites até onde as previsões são possíveis de conhecer no conjunto dos espaços que ela cobre ou pode cobrir, no conjunto igualmente da duração e da evolução que os acontecimentos podem imprimir a situação inicial.

Relação de fôrças, espaço e tempo levaram Clausewitz a afirmar: "que na guerra é necessário não dar o primeiro passo sem primeiro pensar no derradeiro".

s) Para Von Willisen, grande estrategista prussiano, o que caracteriza, fundamentalmente, a Estratégia Operacional, é o que ele denominou de "propriedades essenciais". Só o estudo destas propriedades pode permitir chegar-se a regras de uma proveitosa utilização de fôrças contra as fôrças similares do inimigo.

Para ele, as duas "propriedades fundamentais" que dominam toda a arte e ciência da Guerra são:

- As necessidades para viver.
- A aptidão para o combate.

(1) As *necessidades para viver* são não sómente imensas como extremamente diversas. Vão bem além do que é conveniente chamar suprimento e recompletamentos, porque além disso compreendem tudo que é indispensável às fôrças para receber as ordens dos seus Chefes, para contar com os apoios oportunos, para se bater com eficácia e durar não obstante os desgastes. Os meios de que as Fôrças Terrestres dispõem para satisfazer suas necessidades (fontes de produção), a disposição judiciosa de suas fôrças, o equipamento da região na qual são realizadas as operações e, particularmente, o sistema da rede ferro-rodoviária — "Sistema circulatório" — constituem seu ponto *vulnerável*, permanente motivo de preocupação. Inversamente, igual conjunto representa o vulnerável do adversário, o qual o Cmdo terá sempre o maior interesse em dominar.

Von Willisen considera a exploração das propriedades por ele apontadas como sendo verdadeiramente o *domínio da Estratégia* e que ele define como a "ciência das linhas de transporte". Se tomar este término mais ampla acepção, pode-se compreender, por exemplo, que a Marinha e a Aviação sejam essencialmente *Fôrças Estratégicas*.

(2) A *aptidão para o combate*, para o qual os Exércitos são concebidos e organizados representa a segunda grande *propriedade*. O inimigo que perde sua capacidade de combate é tão aniquilado como aquêle que não pode mais dispor de reservas para empregá-las. É também dentro de uma largueza de significação que se deve compreender esta noção, que comanda aliás a precedente e interfere nela, como a Tática interfere com a Estratégia. A aptidão para o combate é, na verdade, questão de efetivos, preparo profissional, materiais, munições, porém é também questão moral, do valor da liberdade de ação, organização judiciosa do Comando, de dispositivo oportuno, combinações eficazes ou, ainda, posse e real defesa de certos pontos ou de certas zonas de terreno. Sem se desprezar jamais o que os avanços tecnológicos podem permitir na invenção de novos engenhos bélicos.

Na concepção de Von Willisen, a *Tática* é a ciência que trata da exploração desta aptidão para o combate, quer se trate de lhe tirar o melhor rendimento para a manutenção da integridade de pontos ou zonas, quer se trate de destruir ou de provocar a usura do adversário.

t) Vemos assim que, para o citado filósofo da guerra, dois são os meios que se oferecem a cada um dos beligerantes para eliminar as forças adversárias:

(1) O *Meio Estratégico*, que consiste em destruir no próprio solo do inimigo suas *fontes de recursos*, privando-o da obtenção de suas necessidades, quaisquer que sejam suas naturezas.

(2) O *Meio Tático*, que arrebata direta ou indiretamente ao inimigo sua aptidão para o combate. É preciso ajuntar também que, para se obter a eliminação desejada das forças adversas, o beligerante deve, simultaneamente, segundo a "lei da ação e da reação", assegurar sua liberdade de satisfazer suas necessidades, de crescer, ou ao menos, de conservar intata sua aptidão para o combate.

u) Há uma ressalva a fazer nesta teoria apresentada por Von Willisen, que é, de certo modo, artificial. Na realidade as duas citadas "propriedades" se interpenetram e se completam. A teoria exposta tem, entretanto, a vantagem de fazer mais uma vez ressaltar a lei já apontada por Clausewitz da "ação e da reação" e *realçar as duas funções básicas das Fôrças Terrestres*.

(1) Uma voltada para a conservação própria e que é de natureza de *Proteção*.

(2) Outra que visa a destruição e a paralisação do adversário e que é da natureza *Agressiva*.

v) Concluímos daí que a Estratégia e a Tática abrangem a *Defensiva* e a *Ofensiva*, e, que qualquer operação pode ser situada em uma das combinações possíveis entre essas atitudes. As consequências das combinações entre as atitudes estratégicas e táticas são:

(1) Numa situação *Estratégica e Tática*, ao mesmo tempo puramente defensiva, a batalha ganha permanece indecisa e a batalha perdida conduz à destruição do defensor.

(2) Numa situação *Estratégica defensiva*, porém, *Tática ofensiva*, a batalha ganha não é mais que uma vitória sobre o campo de luta, sem resultados sobre o conjunto da campanha; a batalha perdida obriga a retirada antes de poder-se passar novamente à ofensiva tática.

(3) Numa situação *Estratégica ofensiva*, porém, *Tática defensiva*, a batalha ganha cria um estado de coisas favorável a uma vitória, porém, ela não apresenta outros resultados, porque o adversário conserva sua aptidão ao combate; a batalha perdida vê no mínimo os seus resultados compensados por uma posição estratégica favorável.

(4) Enfim, numa situação totalmente ofensiva sobre o plano Estratégico e sobre o plano Tático, a batalha ganha conduz ao aniquilamento do adversário; a batalha perdida obriga ao abndono momentâneo da ação empreendida.

Destaca-se, pois, a superioridade manifesta de uma atitude Estratégica e Tática de caráter ofensivo sobre tôdas as outras combinações anteriormente apresentadas, o que aconselha todo beligerante procurar a iniciativa das operações. Esta atitude exige, contudo, meios consideráveis, e imediatamente disponíveis.

(Continua no próximo número)

O PREÇO DESTA REVISTA...

“A DEFESA NACIONAL” vem-se impondo, cada vez mais, à consideração, ao interesse, à simpatia dos nossos leitores — já dos militares (oficiais e sargentos), já agora de destacadas personalidades dos meios oficiais e culturais civis. Até no exterior, ao que sabemos, vem tendo bastante aceitação entre as Fôrças Armadas amigas.

Entretanto, o preço do exemplar (NCr\$ 0,50) há muito que está inalterado, em flagrante descompasso com a realidade. E isto porque a Diretoria, apesar das alterações, tem-se empenhado em agüentar enquanto possível. Agora, não é mais possível: a Revista tem de aumentar o seu preço, para torná-lo mais apropósito com o custo da edição (embora ainda inferior...).

Estamos certos de que tal necessidade, aliás imperiosa, será bem compreendida e apoiada por todos os nossos assinantes, leitores, amigos — que continuarão a honrar-nos com a sua preferência e a prestigiar-nos, como sempre.

A DIRETORIA